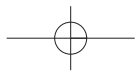


Introdução à Sintaxe do Hebraico Bíblico



Introdução à Sintaxe do Hebraico Bíblico

BRUCE K. WALTKE E M. O'CONNOR



Introdução à Sintaxe do Hebraico Bíblico, Bruce K. Waltke e Michael P. O'Connor. © 2006, Editora Cultura Cristã. Publicado em inglês com o título: *An Introduction to Biblical Hebrew Syntax*. © 1990, Eisenbrauns Inc. Publicação em português autorizada pela Eisenbrauns Inc. Todos os direitos são reservados.

1ª edição – 2006
3.000 exemplares

Tradução

Adelemir Garcia Esteves
Fabiano Antônio Ferreira
Roberto Alves

Revisão

Fabiano Antônio Ferreira
Roberto Alves
Tarcízio José de Freitas Carvalho

Editoração

OM Designers

Capa

Magno Paganelli

Conselho Editorial

Cláudio Marra (*Presidente*), Alex Barbosa Vieira, André Luiz Ramos, Francisco Baptista de Mello, Mauro Fernando Meister, Otávio Henrique de Souza, Ricardo Agreste, Sebastião Bueno Olinto, Valdeci da Silva Santos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Waltke, Bruce K.

W237i Introdução à sintaxe do hebraico bíblico / Bruce K. Waltker e Michael P. O'Connor. [tradução Fabiano Antônio Ferreira, Adelemir Garcia Esteves e Roberto Alves]. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

784p. ; 21,5x27,9 cm.

Tradução de An Introduction to Biblical Hebrew Syntax
ISBN 85-7622-141-1

1. Hebraico – Sintaxe e Gramática. 2. Antigo Testamento – Linguagem e Estilo.
I. Waltke, B.K. II. Título.

CDD – 492.4



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Jr., 394 - CEP 01540-040 - São Paulo - SP
Caixa Postal 15.136 - CEP 01599-970 - São Paulo - SP
Fone: (11) 3207-7099 - Fax: (11) 3209-1255
Ligue grátis: 0800-0141963 - www.cep.org.br - cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra



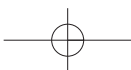
em memória de

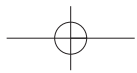
W. J. Martin

25 de maio de 1904
Broughshane, Co. Antrim



21 de março de 1980
Cambridge







Sumário

| | | |
|--|--|------|
| | <i>Abreviaturas e Siglas</i> | viii |
| | <i>Apresentação</i> | ix |
| | <i>Prefácio</i> | xi |
| Introdutório | 1. Língua e Texto..... | 3 |
| | 2. História e Estudo da Gramática Hebraica..... | 31 |
| | 3. Conceitos Básicos | 44 |
| | 4. Unidades Gramaticais | 63 |
| Substantivos | 5. Padrões Substantivos..... | 83 |
| | 6. Gênero | 95 |
| | 7. Número..... | 111 |
| | 8. Função Nominativa e Orações sem Verbo..... | 125 |
| | 9. Função Genitiva | 136 |
| | 10. Função Acusativa e Assuntos Relacionados | 161 |
| | 11. Preposições..... | 187 |
| | 12. Aposição..... | 226 |
| | 13. Definibilidade e Indefinibilidade | 235 |
| Adjetivos, Numerais, e Pronomes | 14. Adjetivos | 255 |
| | 15. Numerais | 272 |
| | 16. Pronomes Pessoais | 290 |
| | 17. Demonstrativos | 306 |
| | 18. Interrogativos e Indefinidos | 315 |
| | 19. Relativos..... | 330 |
| Graus Verbais | 20. Introdução ao Sistema Verbal | 343 |
| | 21. O Sistema de Graus Verbais..... | 351 |
| | 22. Grau <i>Qal</i> | 362 |
| | 23. Grau <i>Niphal</i> | 378 |
| | 24. Grau <i>Piel</i> | 396 |
| | 25. Grau <i>Pual</i> | 418 |
| | 26. Grau <i>Hithpael</i> | 424 |
| | 27. Grau <i>Hiphil</i> | 433 |
| | 28. Grau <i>Hophal</i> | 447 |
| Conjugações Verbais e Orações | 29. Introdução às Conjugações | 455 |
| | 30. Conjugação de Sufixo (Perfectiva) | 479 |
| | 31. Conjugação de Prefixo (Não-Perfectiva) | 496 |
| | 32. <i>Waw</i> + Conjugação de Sufixo | 519 |
| | 33. <i>Waw</i> + Conjugação de Prefixo | 543 |
| | 34. Jussivo, Imperativo e Coortativo | 564 |
| | 35. Infinitivo Absoluto | 580 |
| | 36. Infinitivo Construto..... | 598 |
| | 37. Particípios..... | 612 |
| | 38. Subordinação..... | 632 |
| | 39. Coordenação e Advérbio Oracionais | 647 |
| | 40. Exclamações e Perguntas Polares | 674 |
| | <i>Glossário</i> | 689 |
| | <i>Bibliografia</i> | 695 |
| | <i>Índices</i> | 717 |





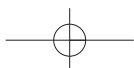
Abreviaturas e Siglas

| Termos Gramaticais | | | |
|--------------------|--------------------------|------------|--|
| abs. | absoluto | pleo | pronome pleonástico |
| <i>bis</i> | duas vezes | Pred | predicado |
| C | consoante | S | sujeito |
| C | termo construto | s(ing). | singular |
| c. | comum | V | vogal |
| col. | coletivo | V | verbo |
| cstr. | construto | * | forma não-atestada |
| SNEA | semítico noroeste antigo | ** | forma impossível |
| f(em). | feminino | ~ / ≅ | aproximadamente igual a |
| foc. | marcador focal | | |
| G | termo genitivo | | |
| impfv. | imperfectivo | AV | Authorized Version |
| inf. abs. | infinitivo absoluto | LXX | Septuaginta |
| inf. cstr. | infinitivo construto | TM | Texto Massorético |
| m(asc). | masculino | NAB | New American Bible (1970) |
| non-pfv. | não-perfectivo | NIV | New International Version (1973) |
| pf. | perfeito | NJPS | New Jewish Publication Society Version (1982) |
| pfv. | perfectivo | RSV | Revised Standard Version (1932) |
| pl. | plural | <i>Sam</i> | Pentateuco Samaritano |

Versões e Traduções

Bibliografia

| | | | |
|------|---|---------|---|
| BL | Hans Bauer e Pontus Leander. 1922. <i>Historische Grammatik der hebräischen Sprache des Alten Testaments.</i> | Joüon | Paul Joüon. 1923. <i>Grammaire de l'hébreu biblique.</i> |
| GAHG | Wolfgang Richter. 1978-80. <i>Grundlagen einer althebräischen Grammatik</i> | LHS | Ernst Jenni. 1981. <i>Lehrbuch der hebräischen Sprache des Alten Testaments.</i> |
| GB | [Wilhelm Gesenius-] Gotthelf Berg-strässer. 1918-29. <i>Hebräische Grammatik.</i> | MPD | P. Swiggers e W. Van Hoecke. 1986. <i>Mots et Parties du Discours.</i> |
| GKC | [Wilhelm Gesenius-] Emil Kautzsch, trad. A. E. Cowley. 1910. <i>Gesenius' Hebrew Grammar.</i> | SA/THAT | Statistischer Anhang to Ernst Jenni and Claus Westermann. 1971-76. <i>Theologisches Handwörterbuch zum Alten Testament.</i> |
| | | UT | Cyrus H. Gordon. 1965. <i>Ugaritic Textbook.</i> |





Apresentação

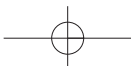
Apresentar esta obra de Waltke e O'Connor na sua tradução para a língua portuguesa é uma honra imensa. Quando a indiquei para tradução e os trabalhos foram iniciados, não tinha idéia de quanto tempo e esforço seriam necessários até que pudéssemos tê-la entregue ao estudioso da língua hebraica no Brasil. Não se trata da tradução de um livro simples, mas de uma obra que, além de volumosa, apresenta complexidade nas relações internas com vários índices fundamentais ao seu bom uso.

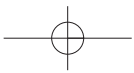
A necessidade desta obra específica em língua portuguesa é incontestável. Os estudos da língua hebraica no Brasil andam por lentos e tortuosos caminhos. Há poucas décadas havia apenas as mais básicas gramáticas de hebraico disponíveis para nossos estudantes. Houve, naturalmente, um desenvolvimento na área, e nos últimos anos encontramos várias novas gramáticas publicadas em língua portuguesa, pelo que damos graças a Deus. Há menos de dez anos que o primeiro dicionário Hebraico-Português de porte razoável tomou seu lugar em nossas bibliotecas. Essas publicações, básicas para o estudo da língua hebraica, encontram agora o suporte de uma obra de grande peso, que tornou-se um manual de referência ao redor de todo o mundo, ainda que os próprios autores reconheçam o limite da mesma quanto às discussões de exceções, e daí a necessidade de outras obras clássicas como Gesenius, Kautzsch e Cowley ou Jüon-Muraoka, que esperamos sejam um dia traduzidas para o português. Até então, nenhuma obra do porte de Waltke e O'Connor foi publicada em nosso vernáculo para o estudo do hebraico.

A *Introdução à sintaxe do hebraico bíblico* é normalmente descrita como uma gramática intermediária. Para o estudante dedicado da língua, seu uso torna-se possível a partir do segundo ano de estudos e acrescenta informações fundamentais na construção da compreensão da língua. As qualidades didáticas da obra são inúmeras. Entre elas, destacamos o próprio uso da linguagem. Os autores se esmeram em explicar a terminologia usada, tanto no texto quanto nas notas de rodapé, permitindo ao estudante noviço uma leitura mais fácil. Encontram-se na obra mais de 3.500 exemplos do uso específico relativo aos temas dos capítulos e seções. Além dos exemplos e suas traduções estarem no texto, as notas de rodapé apontam vários outros exemplos no texto na *Bíblia Hebraica Stuttgartensia* (BHS) e também as discussões acadêmicas em artigos, livros e comentários são apontadas, abrindo o caminho para o estudo avançado de cada uma das questões apresentadas. As referências cruzadas são inúmeras, tanto nas notas quanto nos índices finais de Tópicos, Autores, Palavras Hebraicas e Citações das Escrituras. A inserção de uma bibliografia separada por tópicos aponta os caminhos para a pesquisa avançada.

Ainda que após a publicação do livro (1990) as pesquisas na língua hebraica tenham avançado, abrangendo o estudo de novas categorias lingüísticas e metodologias, a obra de Waltke e O'Connor continua a ser reimpressa, por seu porte e valor inestimáveis. Essa é, sem sombra de dúvida, uma obra que todo estudioso do Hebraico Bíblico deve ter em sua biblioteca.

DR. MAURO FERNANDO MEISTER
D.LITT. UNIVERSIDADE DE STELLEMBOSH
ÁFRICA DO SUL







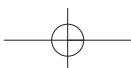
Prefácio

O Escopo e o Propósito deste Livro

Uma Introdução à Sintaxe do Hebraico Bíblico é, em dois sentidos, uma gramática intermediária da língua da Bíblia Hebraica. Em primeiro lugar, é uma gramática projetada para estudo por aqueles que já dominaram os fundamentos da língua e possuem uma boa compreensão de sua fonologia e morfologia, como também um vocabulário funcional. Em segundo lugar, coloca-se entre um estudo básico e a vasta lista de literatura de pesquisa, uma ferramenta para preparar leitores para pesquisar esse corpo de escritos enquanto acessam o grande e difícil *corpus* de Escrituras Hebraicas antigas. Este volume é apresentado tanto como um livro-texto quanto como uma obra de referência e estudo. Não existe em português qualquer gramática intermediária ou avançada atualizada de hebraico bíblico e esta falta tem sido reconhecida há muito tempo. Tentamos apresentar tanto um corpo de conhecimento (provendo, como seja, as “respostas certas”) quanto uma amostra de abordagens analíticas e descritivas (sugerindo as “perguntas certas”). A gramática hebraica introdutória é, em grande parte, uma questão de morfologia, e a abordagem das classes de palavra ou dos termos do discurso que temos adotado deveria seguir um programa introdutório desse tipo. A teoria das classes de palavra tem uma respeitável antiguidade e, como resultado de pesquisa recente na organização do léxico, um futuro esplêndido. Esperamos que o arcabouço seja conservador o suficiente para ser amplamente acessível, mas suficientemente sério para permitir-nos escapar de algumas das confusões de gramáticas mais antigas de hebraico. A terminologia nova foi introduzida com cautela.

As gramáticas de referência estão disponíveis. Todo estudante avançado do texto hebraico precisa ter a gramática de Gesenius, Kautzsch e Cowley à mão para conferir uma variedade de detalhes em um amplo e bem informado arcabouço. Este volume não busca substituir GKC ou obras compatíveis disponíveis em outros idiomas. Não tratamos de todas as exceções e anomalias. Pelo contrário, o livro busca ser usado tanto antes quanto em paralelo a tais obras, apontando para as pesquisas de gerações mais recentes de eruditos, tanto em detalhes quanto na estrutura do arcabouço global e reconsiderando as visões dos trabalhos mais antigos à luz dessas pesquisas.

Como uma gramática pedagógica, este volume não busca apenas descrever a sintaxe do hebraico bíblico, mas prover alguma profundidade explicativa para a descrição. Os estudantes emergem de um curso introdutório de hebraico prontos para começar a confrontar o texto, e este volume situa-se entre os livros que podem ajudá-los. Entre esses livros, esperamos que este tenha um lugar distintivo. Gramáticas de referência e léxicos avançados, se consultados rapidamente, tendem a fragmentar a visão do leitor acerca dos problemas, enquanto que comentários tendem a estreitar demasiadamente o foco. Estudos gramaticais especializados às vezes são forçados a discutir excessivamente uma tese ou cobrir todos os dados muito rapidamente.



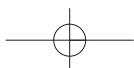


Como uma ferramenta de leitura e exegese, este volume busca estimular a atenção às dificuldades de um texto em uma língua escrita do mundo antigo de uma cultura diferente. Um programa muito breve de estudo de hebraico pode ser desencaminhador ou até mesmo perigoso. O domínio fácil pode fazer os estudantes acreditarem que compreenderam um texto, quando tudo que eles realmente conseguiram foi simplesmente a memória de uma tradução recebida pronta. As distorções decorrentes do uso da língua hebraica como a chave para a compreensão de uma mentalidade estrangeira não fazem parte de nosso programa, pois a erudição atual superou tais concepções. Mas o hebraico permanece uma língua estrangeira para falantes nativos de português ou outras línguas européias. Esta gramática busca ajudá-los a perceber o caráter desse estrangeirismo, principalmente com respeito à interação entre sintaxe e semântica. Preocupamo-nos com o que as formas do hebraico significam, como esses significados podem ser apropriados e, incidental e principalmente por meio de exemplos, como esses significados podem ser vertidos para o português.

A primeira base deste estudo é a grande tradição de gramática hebraica falante-nativa associada com a comunidade judaica medieval. Esta tradição foi passada durante séculos e supriu a tradição européia moderna canonizada por Wilhelm Gesenius, no primeiro quarto do século 19. A segunda base é o estudo lingüístico moderno, com suas raízes contemporâneas a Gesenius e suas primeiras flores contemporâneas à edição da gramática de Gesenius, atualmente impressa em inglês (1910). Esta gramática apóia-se sobre estas duas bases, ora mais em uma, ora mais em outra. O objetivo deste volume não é a inovação; de fato, muitas novidades não seriam apropriadas. Ainda que o corpo enorme de eruditos interessados na Bíblia Hebraica tenha produzido muitos materiais novos, e cada nova visão ou conceito reposiciona e reforma todas as outras facetas da gramática, isso tudo ocorre ligeiramente. Então, é seguro dizer que qualquer leitor achará algo novo aqui, e é mais seguro dizer que cada leitor achará algo com que discordar.

Embora esta não seja uma sintaxe exaustiva da Bíblia Hebraica, ela provê uma avaliação completa do assunto e utiliza um corpo rico e diversificado de erudição. Por exemplo, os estudos importantes de F. I. Andersen, Ernst Jenni e Dennis Pardee estão aqui, pela primeira vez, trazidos para um exame da gramática hebraica; outros estudos são avaliados, e ainda outros são citados somente de passagem. Como David Qimhi, frequentemente somos respigadores seguindo os ceifeiros. Algumas das distorções que podem ser achadas na literatura são criticadas. A bibliografia não somente dirigirá os estudantes às obras que usamos aqui, mas também às obras de referência e aos estudos em fonologia e morfologia hebraicas, assuntos não tratados aqui. Temos provido uma bibliografia básica de estudos de hebraico bíblico, porque nenhuma ferramenta assim está atualmente disponível.

Embora visemos a ajudar os estudantes na apreciação e avaliação da literatura secundária, não estamos diretamente interessados em tais avaliações. Não pudemos usar e citar a extensa gama de materiais como gostaríamos, mas a quantidade é considerável. Muitas literaturas novas apareceram durante os anos em que estivemos trabalhando. Em casos em que apenas detalhes de nossa exposição foram afetados, pudemos melhor incorporar as novas descobertas e visões. Em assuntos maiores, frequentemente fomos incapazes de revisar e reformar tanto quanto gostaríamos, em resposta a uma variedade de gramáticas introdutórias recentes, como também a contribuições eruditas maiores como, por exemplo, a obra de Shelomo Morag sobre o hebraico de Qumran, o ensaio de





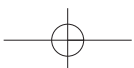
Jaakov Levi sobre *Die Inkongruenz im biblischen Hebräisch* e a monografia de John Huehnergard sobre ugarítico. Artigos do novo jornal de Hans-Peter Müller, *Zeitschrift für Althebraistik*, somente nos alcançaram nos últimos estágios de nosso trabalho.

Algumas outras bases do volume são dignas de nota. Dados comparativos de línguas semíticas foram utilizados para iluminar e prover perspectivas. Entretanto, não pressupomos conhecimento algum de outras línguas. Tendo em vista nossas duas bases primárias, este uso é inevitável. Os gramáticos de hebraico mais antigos falavam tanto o árabe quanto o hebraico; assim, a tradição começa com uma tendência comparativa. A decifração do cuneiforme e o desenvolvimento de gramáticas modernas de acadiano afetaram a interpretação de cada faceta do verbo hebraico. Ao lado do árabe e do acadiano, as grandes línguas faladas originalmente ao sul e ao leste do hebraico, estão as outras línguas do Levante antigo, parentes mais íntimas do hebraico – moabita, amonita e púnico-fenício, como também a língua mais antiga de Ugarite e as aparentadas mais distantes línguas aramaicas. A citação de dados de semítico comparativo é restringida, mas em nosso julgamento é sempre crucial para o argumento à mão. Semelhantemente cruciais são dados comparativos do português e de outras línguas européias. A análise por contraste de línguas é agora comum no ensino moderno de línguas. Tal informação serve para lembrar os estudantes como a própria língua deles e outras correlatas funcionam. Nem todos os estudantes têm um amplo e firme embasamento em lingüística – este livro não pressupõe familiaridade alguma com este assunto – e o português pode ser tomado como um ponto de referência fixo e atraente. O uso de dados de língua portuguesa serve, pelo menos em parte, para expor os pré-entendimentos dos leitores de língua portuguesa. Realmente, à luz de uma língua “exótica” como o hebraico, o português também passa a ser uma língua “exótica”. No labor da leitura ou da tradução, a língua receptora não é mais “natural” ou “correta” que a língua de origem.

A forma do livro é irregular, pois não buscamos equilibrar exatamente os vários aspectos do hebraico ou dividir os materiais em porções iguais. Uma compreensão própria do grau *Piel* ou da conjugação prefixa requer o uso de conceitos e noções que podem parecer teóricos demais. O capítulo sobre preposição, em contraste, pode parecer demasiadamente léxico. Certos tópicos não são tratados completamente: os advérbios, especialmente as partículas negativas, não recebem a atenção focalizada que eles podem receber, não obstante há referências pertinentes ao longo do livro. O trabalho de escrita de cada livro deve ser limitado ou pelo menos deve ser chamado a uma pausa.

O Uso Deste Livro

A estrutura deste volume é grandemente tópica e lógica, em vez de pedagógica. Os professores e estudantes são livres para abordar o material como preferirem e fazer adaptações apropriadas aos seus próprios programas e circunstâncias. Depois da seção de abertura, qualquer das quatro seções restantes pode ser abordada; as várias tabelas de conteúdo e o índice tópico devem facilitar a averiguação de dados cruzados. Em cada uma dessas seções, certos capítulos requerem exposição conceitual, enquanto outros exigem revisão e consideração dos exemplos em contexto. Provemos muitos, muitos exemplos em citação completa ou expandida, com glosas (*não* traduções). Os exemplos são todos da Bíblia, com três ou quatro exceções, onde fica claro que está sendo feita uma imitação



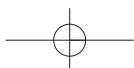


moderna de hebraico bíblico. Os estudantes são estimulados a ler os exemplos citados aqui e eventualmente conferi-los (e os outros exemplos citados nas notas) no contexto bíblico. Porque às vezes os exemplos são resumidos e abreviados, eles não refletem necessariamente o texto real. As versões dadas aqui tendem a apresentar um equivalente dinâmico, às vezes complementado por uma glosa mais literal refletindo o ponto gramatical em discussão – entretanto, o termo *lit.* às vezes é usado imprecisamente. Poucas palavras hebraicas são deixadas sem glosa, e versões de excerto bíblico podem variar de seção em seção do livro. As versões portuguesas não são estritamente uma ajuda ou uma cola – os leitores deveriam tentar explicar (ou melhorar) nossas sugestões, frequentemente tiradas de versões modernas, e deveriam considerar possíveis alternativas. Adições interpretativas são dadas entre colchetes, enquanto outras adições, incluindo informação gramatical, aparecem entre parênteses. Geralmente não são usadas elipses finais em texto hebraico. O versículo é disposto em linhas onde tal arranjo não requeria nenhum espaço extra. Aspas simples (‘ / ’) são usadas para glosas e versões, aspas duplas (“ / ”) para citações e termos técnicos.

A abordagem de toda a obra em um curso de um ano de duração envolveria a dedicação de, aproximadamente, uma semana para cada um dos vinte e oito capítulos ou pares de capítulos, deixando para uma rápida revisão ou estudo extraclasse os capítulos 1–3, 5, 15–19 e combinando 11 e 12, 24 e 25, e 27 e 28. Alguns professores podem preferir saltar seções individuais e reorganizar o material de outras formas. Nós prevenimos a preparação de uma versão mais resumida desta gramática, talvez equipada com exercícios e chave, sendo mais satisfatória para um curso breve, e solicitamos comentários de usuários deste volume. Os professores experientes sabem que a gramática se torna importante para os alunos somente quando eles são levados a usá-la. Em qualquer formato, o estudo gramatical intermediário ou avançado deveria ser acompanhado da leitura das obras-primas de prosa bíblica, como as histórias de José e de Rute, bem como de alguns dos poemas bíblicos principais, como o Salmo 100 e o Cântico de Ana. Durante tais leituras, os alunos deveriam aplicar os princípios esboçados aqui e começar a usar a gramática tanto para referência quanto para estudo aprofundado. O breve glossário cobre principalmente termos gramaticais, principalmente os sujeitos à confusão e aqueles improváveis de ser achados em outras obras de referência; em nenhum sentido ele pretende competir com o texto do livro.

Os índices cobrem quatro campos: tópicos, autoridades modernas citadas, palavras hebraicas e passagens bíblicas. Usado com as tabelas de conteúdo do capítulo, o índice de tópicos deve guiar os estudantes a qualquer discussão relevante aqui.

O texto bíblico geralmente é citado da *Biblia Hebraica Stuttgartensia* (1977), embora em alguns casos preferimos a evidência das margens massoréticas (*Qere*) ou outros manuscritos massoréticos, ou o Pentateuco Samaritano, ou citamos um texto refletido nas versões antigas ou numa emenda. Para as leituras do *Qere* perpétuo, usamos a forma longa de Jerusalém e o pronome feminino da terceira pessoa do singular, onde apropriado; deixamos o Tetragrama sem pontuação. Casos nos quais variamos da *BHS* são raros: este volume não serve como substituto para uma introdução aos problemas de crítica textual. Ao citar o texto hebraico, algumas das leituras mais anômalas do Códice de Leningrado são retidas (por exemplo, 1Sm 9.21 e Rt 3.9, com *BHS* contra o texto da mais antiga *Biblia Hebraica* de 1937 [*BH3*]; Gn 32.18, com *BHS* e *BH3* contra outras





edições), porém algumas são substituídas silenciosamente por um texto padrão (por exemplo, um *soph pasuq* que é perdido no Leningrado, mas informado para outros textos pela *BHS*, como em Êx 20.3). (Com base em sua autópsia da edição fac-símile Makor de 1971 do Leningrado, J. Alan Groves, do Seminário Teológico Westminster, informamos que a variante de Gn 32.18 provavelmente é um erro tipográfico em *BH3* e *BHS*). Os acentos massoréticos são dados em alguns casos, e a sílaba tônica, quando não é final, é marcada. *Athnach* e *sop pasuq* (mas não *silluq*), principais divisores do versículo, são determinados a partir do texto, e a sílaba tônica é indicada com o marcador [◌]. Os divisores de versículo dão um senso de forma global a um versículo e são dados mesmo onde a marca de sílaba tônica também é encontrada. Esta redundância reflete as bases fonológicas e sintáticas misturadas da acentuação massorética. O acento é mostrado apenas como uma característica da palavra; somente o acento principal é apresentado; grupos tônicos constituídos de várias palavras não são assim realçados. Na citação de itens lexicais com ocorrência única, formas atestadas são normalmente dadas, em vez de formas de dicionário; em alguns casos de listas, *athnach* é usado em vez de *sop pasuq* para mostrar que uma forma é pausal. Algumas vezes o divisor de versículo do TM é retido, embora a glosa mostre que acreditemos que uma transposição é necessária. *Methegh* é dado a partir da *BHS* ou quando for necessário, embora nem todos os casos possíveis sejam providos. As transliterações seguem os sistemas agora amplamente aceitos dos principais jornais eruditos, menos em duas características: *e* virado (∂) é usado para *shewa* e *e* com marca breve (\grave{e}) para *hateph seghol*; e as *matres lectionis* de vogais breves plenas não são escritas entre parênteses. Este sistema padrão, baseado como está em uma reconstrução duvidosa de fonologia hebraica, não é perfeito, mas é funcional e deveria ser familiar a todo estudante. Em geral, o hebraico é apresentado em caracteres no texto e em transliteração nas notas, mas alguma variação será encontrada em ambas as posições. Tomamos a liberdade de usar o asterisco único (para marcar formas lingüísticas não-atestadas ou primitivas: **yaqtul*) e o asterisco duplo (para marcar formas que seriam impossíveis em hebraico: ***yaqtal*). Os sinais diacríticos são omitidos de palavras que indicam paradigmas, tão freqüentemente quanto possível, desde que ainda preservem a clareza (*Piel*, não *Pi^cēl*).

Reconhecimentos

Ambos os autores desejam aproveitar esta oportunidade para agradecer aos seus professores: Waltke foi treinado por T. O. Lambdin, F. M. Cross e o falecido G. Ernest Wright de Harvard; e O'Connor por C. R. Krahmalkov, D. N. Freedman e G. E. Mendenhall de Michigan. Todo o estudo de graduação é um empenho colaborativo, e queremos aproveitar esta oportunidade para agradecer nossos condiscípulos, agora, com freqüência, colegas e conselheiros. Nossos editores estiveram envolvidos de perto com o projeto durante mais de oito anos, e James E. Eisenbraun trabalhou em cada aspecto do livro, na grande tradição de eruditos-editores. Ambos os autores assumem a total responsabilidade pela obra.

FILADÉLFIA
ANN ARBOR





Nota à Terceira Impressão Corrigida

Foram corrigidos erros tipográficos e algumas passagens truncadas ou mal escritas retificadas como resultado da vigilância de revisores e outros colegas, incluindo David W. Baker (Ashland, Ohio), Adele Berlin (College Park, Maryland), Walter R. Bodine (Dallas), C. John Collins (Spokane), Edward L. Greenstein (Cidade de Nova York), Frederic C. Putnam (Hatfield, Pensilvânia), Leona Glidden Running (Berrien Springs, Michigan), e Mark F. Willson (Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil). Nossos agradecimentos a eles.

1º DE DEZEMBRO DE 1990

Nota à Quarta Impressão Corrigida

Continuamos sendo gratificados pela recepção generosa outorgada a este livro. Uma vez mais, estamos contentes em corrigir erros e em emendar infortúnios mostrados por alunos do Seminário Teológico Westminster (Filadélfia) e Regent College (Vancouver), por revisores, por outros colegas e amigos, incluindo Ralph L. Bogle (Ann Arbor), James H. Charlesworth (Princeton), Terence Collins (Manchester), Peter T. Daniels (Chicago), John Huehnergard (Cambridge, Massachusetts) e W. G. E. Watson (Edimburgo).

Vancouver

St. Paul

7 DE ABRIL DE 1993

Nota à Sétima Impressão Corrigida

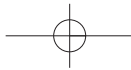
A oportunidade para revisar este volume não surgiu e, assim, o material bibliográfico, especialmente, permanece desatualizado. Uma segunda edição iria, e esperamos, breve irá usufruir muitos estudos eruditos que têm sido apresentados e publicados na última década. Continuamos fazendo pequenos ajustes ao longo da gramática e estamos felizes por agradecer aos colegas e estudantes por sua atenção contínua.

Vancouver e Orlando

Washington, D.C.

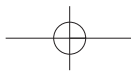
24 DE JUNHO DE 1999





Introdução

| | | |
|----------|--|----|
| 1 | Língua e Texto | 3 |
| 2 | História do Estudo da Gramática Hebraica | 31 |
| 3 | Conceitos Básicos | 44 |
| 4 | Unidades Gramaticais | 63 |







1

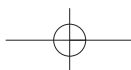
Língua e Texto

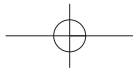
| | | |
|-----|---|----|
| 1.1 | Introdução | 3 |
| 1.2 | Hebraico como uma Língua Semítica | 5 |
| 1.3 | História do Hebraico | 6 |
| 3.1 | Pré-História | 6 |
| 3.2 | Hebraico Bíblico e Congêneres | 8 |
| 3.3 | História Posterior do Hebraico | 9 |
| 1.4 | Sincronia/Diacronia | 11 |
| 4.1 | Estudos Literários e Gramática | 11 |
| 4.2 | A Pesquisa Recente | 13 |
| 1.5 | História do Texto Bíblico..... | 15 |
| 5.1 | Introdução | 15 |
| 5.2 | Período Primitivo (até 400 a.C.) | 16 |
| 5.3 | De 400 a.C. até 100 d.C. | 18 |
| 5.4 | De 100 até 1000 d.C. | 20 |
| 1.6 | O Texto Massorético | 22 |
| 6.1 | Característica | 22 |
| 6.2 | Consoantes | 23 |
| 6.3 | Vocalização | 24 |
| 6.4 | Acentuação..... | 28 |

Introdução

1.1

A língua hebraica tem sido usada desde os tempos de Moisés (a era arqueológica conhecida como Idade do Bronze Tardio II, 1400–1200 a.C.) até o presente. O assunto desta gramática, o Hebraico Bíblico – empregamos o termo para designar tanto o hebraico usado na composição da Escritura como o do Texto Massorético (abreviado TM) – esteve em uso desde aquela época, passando pelos períodos exílico, pós-exílico e do Segundo Templo. Este espaço de tempo corresponde em grande parte à Idade Imperial (Império Neo-Babilônico, 625–540; Império Persa, 540–330; Império Helenístico, 330–360; Império Romano, 60 a.C.–330 d.C.). Num período de mais de três milênios, a língua hebraica experimentou muitas mudanças; na verdade, mesmo num período de várias gerações qualquer língua sofre alterações. O português falado hoje no Brasil não é a língua de Camões ou mesmo a de José Bonifácio. O português de Pedro Álvares Cabral e, mais ainda, o português antigo do trovador D. Dinis (1261–1325 d.C.) são, para nós, virtual-



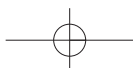


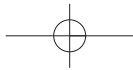
mente línguas estrangeiras. O intervalo entre a literatura bíblica mais primitiva, como a Canção de Moisés (Êx. 15) ou a Canção de Débora (Jz. 5), e os livros mais tardios da Bíblia, como Ester ou Crônicas, é o mesmo que nos separa de D. Dinis. Em contraste com a história da maioria das línguas, a língua hebraica tem exibido uma notável uniformidade com o passar do tempo. Um falante de hebraico bem educado pode ler e entender literatura hebraica de todos os períodos, desde as porções mais antigas da Bíblia Hebraica até o hebraico moderno.¹

- b Para entender a natureza do hebraico bíblico é necessário conhecer tanto o pano de fundo da família do texto quanto a história do hebraico em geral (1.2–3), como também a história do texto bíblico na qual ele foi registrado até o período dos massoretas, que padronizaram todos os aspectos de sua transmissão (1.5).² O trabalho deles é tão fundamental para a produção de uma gramática hebraica que merece um tratamento separado (1.6). A compreensão da história do texto e do trabalho dos massoretas provê discernimento acerca de alguns problemas com que um lingüista se depara ao tentar escrever uma gramática do Texto Massorético. Também nos ajuda a explicar porque as variações não são tão marcantes quanto poderíamos esperar, haja vista a diversidade geográfica, política e cultural na história primitiva das tribos de Israel, sua bifurcação em dois reinos em sua história subsequente e sua existência posterior na diáspora e no exílio. A tensão entre sincronia e diacronia é fundamental no estudo do hebraico bíblico (veja também 3.4). A visão sincrônica considera uma língua em um único ponto no tempo. Uma visão sincrônica do português atual, por exemplo, deveria estar baseada no modo em que a língua é usada por uma variedade de falantes, falantes de todas as áreas do mundo onde o português é falado nativamente, ou usado como uma língua comum em documentos oficiais (conforme o papel do aramaico em 2 Rs 18.26 e Ed 4.7), ou por eruditos ou comerciantes. Tal estudo também poderia considerar os usos escritos da língua, jornais, revistas (populares e literárias), gênero e ficção importantes, como também relatórios e documentos. Um estudo diacrônico do português necessariamente se apoiaria mais em fontes escritas do que em orais. Como, neste caso, as fontes tornam-se menos familiares, o estudo precisaria dedicar mais atenção em qualificá-las e também avaliar seu tipo de linguagem. Idealmente, uma análise lingüística do hebraico bíblico deveria representar a língua diacronicamente pela descrição de seus vários estágios sincrônicos; somente podemos analisar amplamente a língua hebraica a partir deste enfoque. Em uma seção separada (1.4), mostramos as limitações de tal abordagem quando aplicada ao Texto Massorético.

1. Para um bom panorama, veja Chaim Rabin, "Hebrew" *Current Trends in Linguistics. 6. Linguistics in South West Asia and North Africa*, org. T. A. Sebeok et al. (The Hague: Moulton, 1970) 304–46; ou a obra de William Chomsky, *Hebrew: The Eternal Language* (Filadélfia: Jewish Publication Society, 1957). A obra de E. Y. Kutscher: *History of the Hebrew Language* (Jerusalém: Magnes, 1982) infelizmente, não foi concluída até à morte do autor; seu editor R. Kutscher completou o manuscrito, mas o resultado é desequilibrado, embora permaneça valioso em partes; observe a revisão mais ampla de P. Wexler, *Language* 62 (1986) 687–90. Estudos eminentes mais antigos incluem R. Meyer, "Probleme der hebräischen Grammatik", *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft* 63 (1951) 221–35; e Z. Ben-Hayyim, *Studies in the Traditions of the Hebrew Language* (Madrid: Instituto "Arias Montano", 1954).

2. Além do material citado abaixo, veja em geral J. Barr, "The Nature of Linguistic Evidence in the Text of the Bible", *Language and Texts: The Nature of Linguistic Evidence*, org. H. H. Paper (Ann Arbor: Center for Coordination of Ancient and Modern Studies, University of Michigan, 1975) 35–57.





Hebraico como uma Língua Semítica

1.2

O hebraico pertence à família de línguas semíticas, ao grupo lingüístico historicamente predominante no sudoeste da Ásia, na região geralmente conhecida como Oriente Próximo ou Oriente Médio. A família semítica é, em si mesma, parte do *phylum* de línguas afroasiáticas, o maior grupo de língua que abarca os continentes da África e da Ásia.³

A família semítica é atestada primariamente na área relativamente compacta do Oriente Próximo. Porém, precisar a razão da existência de cada membro da família é uma tarefa complexa, principalmente devido à enorme extensão de tempo ao longo da qual eles são usados e a multiplicidade de influências na região. As línguas formam um grupo lingüisticamente coeso comparável ao das línguas românicas da Europa, as descendentes modernas do Latim: francês, espanhol, catalão, português, italiano, romeno, e outras. Há dois ramos maiores na família: o semítico oriental e o semítico ocidental. Apenas uma língua pertence ao subgrupo semítico oriental, a saber, o acadiano, a língua dos babilônios e assírios da Mesopotâmia. Registros em acadiano, no sistema de escrita cuneiforme, têm relevância histórica, literária e lingüística para os estudos bíblicos. O grupo semítico ocidental inclui o semítico noroeste, o árabe e o semítico sul.⁴ O árabe do norte é a língua do Qur^oân (Corão) e da religião islâmica; o grupo semítico sul inclui as várias línguas árabes do sul e as línguas etíopes. O etíope clássico, ou geez, não é mais falado; as principais línguas semíticas da terra da Etiópia são o amárico e o tigrina. As línguas semíticas do noroeste incluem as línguas cananéias, o hebraico bíblico e seus congêneres imediatos, e as línguas aramaicas, importantes no mundo bíblico.⁵ Cerca de dois por cento da Bíblia Hebraica foram escritos em aramaico.⁶ O termo “línguas semíticas clássicas” é usado para referir-se às grandes línguas literárias pré-modernas, ao hebraico, ao siríaco (uma língua aramaica), ao geez, ao árabe, e às vezes ao aca-

3. Veja a obra de G. Bergsträsser, *Introduction to the Semitic Languages*, traduzida e terminada por P. T. Daniels (Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 1983); M. L. Bender, org., *The Non-Semitic Languages of Ethiopia* (East Lansing: African Studies Center, Michigan State University, 1976; especialmente o trabalho de C. Hodge); M. Ruhlen, *A Guide to the World's Languages. 1. Classification* (Stanford, Califórnia: Universidade de Stanford, 1987); e as referências em 2.5.

4. As controvérsias sobre subagrupamentos são consideráveis e relevantes; veja, p.ex., J. Blau, “Hebrew and North West Semitic: Reflections on the Classification of the Semitic Languages”, *Hebrew Annual Review* 2 (1978) 21–44, como também o material citado em 1.3.2, para uma abordagem diferente da que é adotada aqui.

5. O volume e a diversidade de materiais nas línguas aramaicas são consideráveis. Os materiais mais primitivos, datando do décimo até o oitavo ou sétimo século, são chamados de Aramaico Antigo. Durante esta fase da língua e o período seguinte, divergências dialetais são difíceis de detectar. A grande era do Aramaico Oficial ou Imperial é o Império Persa, quando o aramaico foi uma língua quase oficial ou mesmo a língua oficial, mas o termo é aplicado a materiais datando do oitavo até o terceiro séculos; o maior *corpus* de material é derivado do Egito (notavelmente, a colônia militar judaica de Elefantina), e o termo Aramaico Egípcio é às vezes usado. Nas eras subsequentes, há (a) coleções de materiais recuperados arqueologicamente, tanto epigráficos (da região dos nabateus, Palmira e Hatra) e manuscritos (de Qumran); (b) línguas literárias preservadas em comunidades religiosas, judaicas (aramaico judaico-palestino; aramaico judaico-babilônio), cristão (siríaco), e mandeano; e (c) as línguas modernas, faladas em vários pequenos centros na Síria e no Iraque (bem como no meio-oeste americano). Veja, p.ex., J. C. L. Gibson, *Textbook of Syrian Semitic Inscriptions. 2. Aramaic Inscriptions* (Oxford: Clarendon, 1975); Bezalel Porten, *Archives from Elephantine* (Berkeley: University of Califórnia, 1968); J. A. Fitzmyer, *A Wandering Aramean* (Missoula: Scholars Press, 1979).

6. De 305.441 palavras (vocábulos gráficos, separados por espaços ou *maqeph*), as porções aramaicas são compostas de 4.828, principalmente no Livro de Daniel; uma pequena porção de Esdras está em aramaico, e, por costume, o versículo de Jeremias (10.11) e duas palavras de Gênesis (em 31.47) são também contados. Veja SA/THAT. O Aramaico Bíblico é uma variedade do Aramaico Imperial, mas é freqüentemente tratado de modo independente. Veja, p.ex., F. Rosenthal, *A Grammar of Biblical Aramaic* (Wiesbaden: Harrassowitz, 1961).

